



O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA III EXPEDIÇÃO HISTÓRICA ENTRE FRONTEIRAS LATINO-AMERICANAS

SOUZA, Tiago Bezerra de ¹

NUNES, Eduardo Silveira Netto ²

RESUMO:

O ensino de História tem buscado, cada vez mais, estratégias pedagógicas que aproximem os estudantes das fontes históricas e da realidade social na qual estão inseridos. Nesse contexto, o patrimônio cultural apresenta-se como um importante instrumento de aprendizagem, pois possibilita a compreensão da memória coletiva, das identidades e das transformações sociais ao longo do tempo. Considerando essa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar a importância das experiências de campo e das viagens acadêmicas para o ensino de História, a partir da participação de estudantes na III Expedição Histórica Entre Fronteiras Latino-Americanas, realizada entre os dias 1 e 6 de setembro de 2025. A metodologia adotada baseou-se na análise descritiva das atividades desenvolvidas durante a expedição, articulada com reflexões teóricas acerca dos conceitos de patrimônio cultural, memória e ensino de História. Durante a viagem foram visitados diferentes espaços históricos e culturais em cidades do Brasil, Peru e Bolívia, incluindo museus, praças, instituições acadêmicas, áreas de preservação ambiental e sítios arqueológicos. Esses locais constituem importantes referências de patrimônio material e imaterial, permitindo aos estudantes vivenciar de forma direta elementos fundamentais da história e da cultura latino-americana. Os resultados indicam que essas experiências proporcionaram aos estudantes o contato direto com patrimônios culturais de diferentes contextos sociais, contribuindo para ampliar a compreensão sobre memória, identidade e integração entre os povos da América Latina. Além disso, as atividades demonstram que o patrimônio pode ser utilizado como um recurso pedagógico significativo no ensino de História, favorecendo uma aprendizagem mais crítica, contextualizada e interdisciplinar, ao aproximar teoria e prática no processo formativo dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural; ensino de História; educação patrimonial; memória; Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de História, nas últimas décadas, tem passado por transformações significativas, buscando superar práticas centradas apenas na memorização de conteúdos e na transmissão linear de informações. Nesse contexto, novas abordagens pedagógicas têm sido incorporadas ao processo educativo com o objetivo de promover uma aprendizagem mais crítica, reflexiva e significativa. De acordo com Bittencourt (2011), o ensino de História deve estimular o contato dos

¹ Graduando em Licenciatura em História, Bolsista PIBID História, Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco, tiago.bezerra@sou.ufac.br

² Professor coordenador: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Mestre em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em História (USP), Licenciado em História e Pedagogia. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF), eduardo.nunes@ufac.br



estudantes com diferentes fontes históricas, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de análise, interpretação e compreensão dos processos históricos.

Entre as estratégias pedagógicas utilizadas nesse processo, destaca-se o uso do patrimônio cultural como fonte para o ensino de História. O conceito de patrimônio cultural, conforme discutido por Fonseca (2005), refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que são socialmente reconhecidos como portadores de valor histórico, simbólico e identitário, sendo construídos e ressignificados ao longo do tempo por diferentes grupos sociais. Nessa perspectiva, o patrimônio não é um dado natural, mas uma construção social, vinculada às disputas de memória e aos processos de seleção do que deve ser preservado.

A relação entre patrimônio, memória e identidade pode ser compreendida a partir das contribuições de Pollak (1989), ao afirmar que a memória é um elemento fundamental na construção das identidades individuais e coletivas, sendo constantemente reelaborada conforme as necessidades do presente. Nesse sentido, o patrimônio cultural atua como suporte material e simbólico dessas memórias, permitindo que determinados grupos sociais reafirmem suas identidades e suas trajetórias históricas.

No campo educacional, a utilização do patrimônio cultural como recurso pedagógico está associada à perspectiva da educação patrimonial. Segundo Barbuy (2006), a educação patrimonial consiste em um conjunto de práticas educativas voltadas à valorização, à interpretação e à preservação dos bens culturais, promovendo a construção de conhecimentos a partir da interação direta com os objetos, os espaços e as manifestações culturais. Essa abordagem possibilita o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa, na medida em que aproxima os estudantes de suas realidades sociais e culturais, estimulando a reflexão crítica sobre o passado e o presente.

No contexto amazônico, o patrimônio cultural assume especificidades relacionadas às dinâmicas socioambientais da região. Conforme destaca Porto-Gonçalves (2001), a Amazônia deve ser compreendida a partir das relações entre natureza, sociedade e cultura, sendo os territórios e patrimônios profundamente marcados pelas experiências históricas dos povos que ali vivem. Dessa forma, o patrimônio amazônico envolve não apenas bens materiais, mas também saberes tradicionais, práticas culturais e modos de vida que expressam a diversidade sociocultural da região.



As atividades de campo e as viagens acadêmicas constituem-se, portanto, em importantes estratégias pedagógicas para o ensino de História, pois possibilitam o contato direto com diferentes patrimônios culturais. Essas experiências permitem aos estudantes observar, analisar e interpretar os espaços históricos em seus contextos sociais e culturais, favorecendo a construção do conhecimento histórico de forma mais concreta e contextualizada.

Nesse contexto, a III Expedição Histórica Entre Fronteiras Latino-Americanas, realizada entre os dias 1 e 6 de setembro de 2025, representou uma importante iniciativa de integração acadêmica entre instituições de ensino superior da região amazônica. A atividade contou com a participação de estudantes e professores da Universidade Federal do Acre (UFAC), em parceria com a Universidad Nacional Amazónica de Madre de Dios (UNAMAD), no Peru, e com a Universidad Amazónica de Pando (UAP), na Bolívia.

Durante a expedição, foram realizadas diversas atividades acadêmicas, culturais e de pesquisa de campo, incluindo visitas a museus, espaços históricos, instituições culturais, áreas de preservação ambiental e centros de memória. Essas experiências possibilitaram o contato direto com patrimônios culturais presentes na região amazônica trinacional, contribuindo para reflexões sobre memória, identidade, história e integração latino-americana.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir a importância das viagens acadêmicas e das atividades de campo para o ensino de História, analisando de que maneira o patrimônio cultural pode ser utilizado como recurso pedagógico para a construção do conhecimento histórico e para a formação de uma aprendizagem mais crítica, contextualizada e interdisciplinar.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa, voltado à análise das contribuições das atividades de campo e das viagens acadêmicas para o ensino de História. A investigação foi desenvolvida a partir da participação na III Expedição Histórica Entre Fronteiras Latino-Americanas, realizada entre os dias 1 e 6 de setembro de 2025, envolvendo estudantes e professores da Universidade Federal do Acre (UFAC), em



parceria com a Universidad Nacional Amazónica de Madre de Dios (UNAMAD), no Peru, e com a Universidad Amazónica de Pando (UAP), na Bolívia.

A produção dos dados ocorreu por meio da observação participante durante as atividades desenvolvidas ao longo da expedição, sendo registradas em diário de campo, no qual foram anotadas impressões, descrições dos espaços visitados, interações vivenciadas e reflexões produzidas ao longo da experiência. O diário de campo constituiu-se como instrumento central de registro, permitindo a sistematização das vivências e a construção de uma narrativa reflexiva acerca das práticas observadas.

Além disso, foram considerados os relatos dos participantes e as experiências compartilhadas durante as atividades, compreendidos como fontes qualitativas relevantes para a análise do processo formativo. Esses relatos foram tratados como registros discursivos, sendo analisados a partir de sua relação com os contextos históricos, culturais e sociais observados durante a expedição.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma abordagem interpretativa, fundamentada na análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Nesse sentido, os registros do diário de campo e os relatos dos participantes foram organizados, categorizados e interpretados com o objetivo de identificar padrões, recorrências e significados presentes nas experiências vivenciadas.

Para orientar a análise, foram estabelecidas categorias temáticas, definidas a partir dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico adotado, sendo elas: **(a) patrimônio cultural como fonte histórica; (b) relações entre memória, identidade e espaço; (c) experiências de aprendizagem em campo; e (d) integração cultural latino-americana.** Essas categorias possibilitaram a sistematização dos dados e a construção de uma análise articulada entre teoria e prática.

O tratamento dos dados envolveu, portanto, a leitura aprofundada dos registros, a identificação de unidades de sentido e a interpretação dos significados atribuídos às experiências pelos participantes. Esse processo permitiu compreender de que maneira as atividades de campo contribuíram para a formação histórica dos estudantes, evidenciando o papel do patrimônio cultural como recurso pedagógico.

A análise foi fundamentada em referenciais teóricos do campo do ensino de História e da educação patrimonial, dialogando com autores como Bittencourt (2011),



Fonseca (2005) e Barbuy (2006), permitindo interpretar os dados à luz das discussões sobre patrimônio, memória e práticas educativas.

Dessa forma, a metodologia adotada buscou articular a experiência empírica vivenciada durante a expedição com a reflexão teórica, possibilitando uma análise crítica e contextualizada das contribuições das atividades de campo para o ensino de História.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das experiências vivenciadas durante a III Expedição Histórica Entre Fronteiras Latino-Americanas evidencia que as atividades de campo constituem-se como práticas pedagógicas relevantes para o ensino de História, especialmente por possibilitarem o contato direto com diferentes formas de patrimônio cultural. No entanto, mais do que descrever os espaços visitados, torna-se fundamental compreender de que maneira essas experiências foram apropriadas pelos estudantes e quais impactos produziram em seus processos formativos.

A partir dos registros no diário de campo e dos relatos dos participantes, foi possível observar que os estudantes demonstraram inicialmente uma postura predominantemente contemplativa diante dos espaços visitados. Contudo, ao longo da expedição, essa postura foi sendo gradualmente substituída por uma atitude mais investigativa e reflexiva. Esse movimento evidencia que o contato direto com o patrimônio cultural favoreceu a construção de questionamentos sobre os processos históricos, indicando uma mudança na forma de perceber os espaços de memória.

Nesse sentido, conforme discute Fonseca (2005), o patrimônio cultural deve ser compreendido como uma construção social, marcada por processos de seleção e atribuição de valor. Essa perspectiva tornou-se evidente quando os estudantes passaram a questionar por que determinados espaços são reconhecidos como patrimônio enquanto outros são invisibilizados, revelando a presença de disputas simbólicas na construção da memória coletiva.

Além disso, foram identificados momentos de tensionamento interpretativo entre os participantes, especialmente em relação aos significados atribuídos aos espaços visitados. Em alguns casos, diferentes estudantes interpretaram um mesmo local a partir de perspectivas distintas, evidenciando que a memória não é homogênea, mas plural e, por vezes, conflituosa. Tal constatação dialoga com as



reflexões de Pollak (1989), ao afirmar que a memória é atravessada por disputas e negociações, sendo constantemente reconstruída.

Outro aspecto relevante refere-se às transformações na percepção dos estudantes ao longo da experiência. Observou-se que, após as atividades de campo, os participantes passaram a compreender o patrimônio para além de sua dimensão material, reconhecendo sua relação com práticas culturais, modos de vida e identidades sociais. Essa ampliação do olhar está em consonância com a perspectiva da educação patrimonial discutida por Barbuy (2006), que destaca a importância da interação direta com os bens culturais na construção do conhecimento histórico.

No contexto amazônico, a experiência também possibilitou problematizar visões estereotipadas sobre a região. Conforme aponta Porto-Gonçalves (2001), a Amazônia é um espaço marcado por múltiplas territorialidades e relações socioambientais complexas. Essa compreensão foi gradualmente construída pelos estudantes, especialmente ao entrarem em contato com práticas culturais locais e com espaços que evidenciam a relação entre sociedade e natureza.

Entretanto, a experiência também apresentou limites que devem ser considerados na análise. O tempo reduzido em cada local visitado dificultou um aprofundamento maior das discussões, levando, em alguns momentos, a uma apreensão superficial dos conteúdos. Além disso, nem todos os estudantes conseguiram estabelecer, de imediato, relações mais complexas entre os espaços observados e os processos históricos mais amplos, o que evidencia a necessidade de mediação pedagógica mais sistemática durante esse tipo de atividade.

Outro limite identificado refere-se à ausência, em alguns momentos, de estratégias orientadas de problematização durante as visitas, o que pode ter contribuído para a permanência de uma postura mais descritiva por parte de alguns participantes. Isso indica que, embora as atividades de campo possuam grande potencial formativo, sua eficácia depende diretamente do planejamento pedagógico e da condução das atividades.

Dessa forma, os resultados evidenciam que as experiências de campo não produzem, automaticamente, uma aprendizagem crítica, mas constituem-se como espaços de possibilidade que precisam ser intencionalmente trabalhados. Quando articuladas a uma mediação pedagógica adequada, essas experiências contribuem significativamente para o desenvolvimento de uma consciência histórica mais ampla,



permitindo aos estudantes compreenderem o patrimônio cultural como um campo de disputas, significados e identidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da III Expedição Histórica Entre Fronteiras Latino-Americanas evidenciou a relevância das experiências de campo como ferramenta pedagógica no ensino de História. O contato direto com diferentes espaços históricos, culturais e ambientais possibilitou aos estudantes ampliar sua compreensão acerca dos processos históricos e das múltiplas formas pelas quais a memória e o patrimônio se manifestam nas sociedades. Ao observar e analisar os locais visitados, tornou-se possível compreender como os espaços públicos, as instituições culturais, os sítios arqueológicos e os lugares de memória constituem importantes fontes para a construção do conhecimento histórico.

As experiências desenvolvidas ao longo da expedição demonstraram que o patrimônio cultural pode assumir diversas dimensões, envolvendo não apenas elementos materiais, mas também práticas culturais, saberes tradicionais e modos de vida. Nesse sentido, conforme aponta Barbuy (2006), a educação patrimonial possibilita a construção de conhecimentos a partir da interação direta com os bens culturais, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Além disso, os resultados indicam que as atividades de campo contribuíram para a transformação das percepções dos estudantes, que passaram a compreender o patrimônio como uma construção social, marcada por disputas de memória e significados, conforme discutido por Fonseca (2005) e Pollak (1989). Esse processo evidenciou que a aprendizagem histórica não ocorre de forma automática, mas depende da mediação pedagógica e da problematização das experiências vivenciadas.

No contexto amazônico, a expedição também permitiu evidenciar a complexidade das relações entre sociedade, cultura e natureza, conforme destaca Porto-Gonçalves (2001), contribuindo para a superação de visões simplificadas sobre a região. A vivência nos diferentes espaços visitados possibilitou compreender a Amazônia como um território marcado por múltiplas territorialidades e por uma rica diversidade sociocultural.

Entretanto, a análise também revelou limites importantes, como o tempo reduzido para aprofundamento das discussões e a necessidade de maior orientação pedagógica durante as atividades. Esses aspectos indicam que o potencial formativo das experiências de campo está diretamente relacionado ao planejamento e à condução das práticas educativas.

Dessa forma, conclui-se que as atividades de campo e as viagens acadêmicas constituem estratégias pedagógicas fundamentais para o ensino de História, desde que articuladas a uma mediação crítica e intencional. Mais do que proporcionar contato com o patrimônio, essas experiências devem promover a problematização dos processos históricos, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender o patrimônio cultural como um campo de disputas, significados e identidades.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Acre (UFAC).

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200–212, 1989.

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. Educação patrimonial: uma prática em construção. In: BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.